

A LITERATURA ENQUANTO FONTE DE CRIAÇÃO PARA A INDUMENTÁRIA

Juliana M. Rabelo¹

Prof^a. Dr^a. Francisca R. N. Mendes²

RESUMO: Sabendo da aceitabilidade da moda para com as diversas fontes de inspirações que lhe são utilizadas, e da riqueza da literatura enquanto registro de contextos históricos e sensibilidades, pretendo relacionar as duas artes e entender de que maneira e até que ponto a segunda pode ser fonte para a criação da primeira, de maneira coerente a reconhecer-se o período pretendido e abordado.

Palavras-chave: moda, literatura, criação.

ABSTRACT: Being aware of the acceptance of fashion in relation to the various sources of inspiration that are used, and the variety of literature as a register of historical contexts and sensibilities, I intend to relate both arts and try to understand in what way the literature can be the source for the creation of fashion, in a coherent way to recognize the period intended and researched.

Keywords: fashion, literature, creation.

No trabalho proposto, pretendo explorar o uso da Literatura como fonte de inspiração para a criação de uma Indumentária, partindo do pressuposto de que a Literatura pode ser vista, assim como a Moda, como expressão artístico-cultural de sua época, e que, segundo as premissas da Escola dos Annales³, têm caráter de fonte histórica, posto que são filhas de seus contextos históricos.

Sandra Pesavento afirma que a Literatura, além de se utilizar da História para contextualizar sua ficção em seu tempo, é fonte privilegiada do historiador, pois não só se configura enquanto “dimensão cultural” no campo da análise pretendida, como também permite o acesso ao imaginário de diversas épocas, o que é de suma importância para os estudos sobre o imaginário, *que abriam uma janela para a recuperação das formas de*

¹ Estudante do curso de Bacharelado em Estilismo em Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Orientadora deste artigo, professora adjunta do curso de Estilismo e Moda da UFC.

³ Movimento historiográfico que teve início em 1929 com os teóricos Marc Bloch e Lucien Febvre, cujo diferencial foi a abordagem de um estudo de estruturas históricas de longa duração, admitindo-se, para isso, o uso da cultura material, bem como o das sensibilidades, enquanto fontes históricas.

ver, sentir e expressar o real dos tempos passados (PESAVENTO, 2006).

A Literatura nos permite visualizar comportamentos, sentimentos, pensamentos referentes ao real; para além disso, segundo Aristóteles⁴, o poeta escreve sobre o que poderia ter acontecido. Ou seja: o autor é sujeito historicamente ativo de seu tempo, nos permite acesso ao imaginário da época a qual escreve – utilizando-se da História - , e ainda possibilita negações, afirmações e hipóteses sobre o real.

Entretanto, o que quero discutir aqui não são propriamente as relações entre História e Literatura, e sim como é possível perceber, através desta última, as influências sociais, culturais, políticas, econômicas, científicas e antropológicas para além dos acontecimentos históricos: quero explorar o seu uso objetivando a criação e o reconhecimento da Indumentária do momento abordado.

Nesse sentido, Ronaldo Fraga reflete⁵: “Moda e Literatura são dois instrumentos para escrever, contar a História”, e “penso ser extremamente natural que por trás de uma moda exista literatura, exista pesquisa e muito estudo do contexto em que se vive”. De fato, não se pode negar a coerência das duas com o seu contexto vigente; ambas são frutos de suas transformações e necessidades dentro de seu tempo, e condizem com os desejos de quem as consome.

Além disso, cabe a afirmação de que Moda e Literatura comunicam, seja um desespero do autor, seja uma crítica social, seja em um recorte ou em um eufemismo; a Moda comunica estado de espírito, adequação a grupos, posição social, poder aquisitivo, personalidade, aspirações, e *é entendida como uma relação complexa entre distintos códigos, e cada arranjo vestimentário é fruto desse sincretismo e produz múltiplos efeitos de significações*⁶. Ora, e o que se faz da Literatura que não envolva interpretações? Por experiências individuais e coletivas, cada intelecto ressignifica a obra de maneira peculiar.

Gilles Lipovetsky aponta: *sabe-se, à luz dos Humanistas, que a partir do Trecento intensificou-se o sentido da fugacidade terrena; o pesar de envelhecer, a nostalgia da juventude (...)*. Lipovetsky nota, também, que essa nova sensibilidade coletiva acompanhará a Época Moderna, e conclui:

*A moda traduz um amor apaixonado da felicidade e da vida, uma exasperação do desejo de gozar as alegrias terrenas tornado possível pelos valores da vida cavalheiresca, pela sociedade de corte, assim como por uma sensibilidade moderna onde já despontam a melancolia do tempo e a angústia de abandonar a vida.*⁷

⁴ ARTE POÉTICA, capítulo IX.

⁵ Em conferência realizada em 22/08/2007, na 12ª Jornada Nacional de Leitura, acontecida na Universidade de Passo Fundo (UPF).

⁶ CASTILHO, Katia. *Moda e Linguagem*. P. 55. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

⁷ LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero*. P. 62.

Temos, nessa “Época Moderna”, os movimentos de vanguarda ocorridos na arte ocidental. E que são eles senão a busca pelo novo, pela ruptura do arcaico, pela renovação das idéias? E não é este mesmo o “espírito” da Modernidade, da transitoriedade, efemeridade? Observe-se como a Literatura e Moda são, mais uma vez, testemunhas ativas de seus contextos.

Analisada de forma semelhante ao signo de Barthes⁸, pode-se também fazer uso da Literatura (por consequência de ser fonte histórica) para perceber-se da Indumentária de determinado período, posto que a literatura usa elementos – quando não visuais – que podem ser perfeitamente desconstruídos em símbolos, em signos, que caracterizam um corpo em seu contexto. Como afirma Proença Filho:

Ao caracterizar-se no texto literário um uso específico e complexo da língua, os signos lingüísticos, as frases, as seqüências assumem significado variado e múltiplo. Assim, afastam-se, por exemplo, da monossignificação típica do discurso científico (...). A literatura, na verdade, cria significantes e funda significados. Apresenta seus próprios meios de expressão, ainda que se valendo da língua, ponto de partida. Superposto ao da língua, o código literário, em certa medida, caracteriza alterações e mesmo oposições em relação àquele. É um desvio mais ou menos acentuado em relação ao uso lingüístico comum. (PROENÇA FILHO: 2007)

Nos primeiros anos do século XX inicia-se, a partir do I Manifesto Futurista (1909), o movimento Futurista; liderado por Filippo Marinetti, abolia os valores do passado e aclamava a velocidade, a tecnologia, o progresso, num reflexo clarividente do desenvolvimento tecnológico do século XIX. Na escrita, passou-se a aderir a uma nova tipografia de imprensa e ao uso de estruturas poéticas inéditas, lúdicas, seguindo o princípio *Les mots en liberté* (Liberdade para as palavras). Na pintura, predominou o uso de cores vivas e contrastes, e o uso de figuras em aparente movimento, expressando a velocidade que tal objeto representa em dado espaço.

Em sintonia com a modernidade, o Futurismo também teve seus reflexos na moda; Daniela Calanca vale-se de N. Bailleux para citar um trecho do manifesto da moda feminina futurista, publicado em 1920:

É absolutamente necessário proclamar a ditadura do Gênio artístico sobre a moda feminina, contra as ingerências parlamentaristas da especulação ininteligente e da rotina. Um grande poeta ou um grande pintor deverá assumir a alta direção de todas as grandes casas de moda feminina. A moda é uma arte, como a arquitetura e a música. Uma roupa feminina genialmente concebida e bem usada tem o mesmo valor de um afresco de Michelangelo ou de uma madona de Tiziano [...] A mulher futurista deverá ter, ao vestir novos modelos de roupa, a mesma coragem que nós teríamos em declamar nossas linhas em liberdade [...] A moda feminina nunca será extravagante demais. Também aqui nós começaremos a abolir a simetria. Faremos decolletés em ziguezague, mangas diferentes umas das outras, sapatos de formas, cores e alturas diferentes. Criaremos toilettes inesperadas, surpreendentes, transformistas, armadas de molas, de pontas, de objetivas fotográficas, de correntes elétricas [...] de fogos de artifício [...] idealizaremos na mulher as conquistas mais fascinantes da vida moderna. Teremos assim a mulher metralhadora [...] a mulher antena-rádio-telegráfica, a mulher velívola, a mulher submergível, a mulher lancha. A mulher

⁸ Roland Barthes afirma que o signo é composto de um significante e de um significado, onde o primeiro compõe o plano da expressão, e o segundo, o do conteúdo.

elegante será transformada em um verdadeiro conjunto plástico vivente. (CALANCA, 2008).

Fala-se de uma verdadeira revolução do modo de pensar, sentir e agir, que acompanhará outros movimentos de vanguarda do mesmo século, como o Dadaísmo e o Concretismo. O Futurismo exalta a velocidade, a agressividade, a transformação, a quebra de valores passados, a admissão imediata de novos valores, as multidões apressadas, o carro, o avião, o telégrafo, a energia, a fábrica. Todos estes elementos são capazes de transmitir sua essência, e o ser sensível é capaz de identificá-las e “traduzi-las” ao concreto.

No processo criativo, estas etapas pertenceriam ao que a estudante Wilma Farias Góis⁹ denominou de “percepção do problema” e “problematização do desafio”; ao serem efetuadas pelo ser sensível, criativo por natureza, dotado de experiências e necessidades individuais, seguir-se-ia o *insight*, e aí estaria o resultado da interpretação deste ser: após o *insight*, o ser sensível seria capaz de criar ou de fazer assimilações referentes aos elementos do “problema” (no caso, o Futurismo), provando que ele pode ser usado enquanto fonte para a criação da Indumentária do período, pelo menos.

O uso da semiótica é essencial para a determinação e desconstrução desses elementos, assim como para a sua aplicação à moda. A semiótica não se trata de ciência, mas de algo mais subliminar; vejamos: Barthes iniciou a análise sobre semiótica, e definiu o signo (menor unidade de um código) como um sistema constituído de *E*, uma expressão, *R*, uma relação e *C*, um conteúdo. Este sistema primário, ao tornar-se elemento de outro sistema, mais complexo, passa a ser um signo de semiótica denotativa (a essência, clara e objetiva), enquanto este último, de semiótica conotativa ou secundária (metafórica).

Ao falar-se de semiótica aplicada à moda, deve-se partir do pressuposto de que a primeira dá acesso à análise interna das mensagens, e que estas podem ser analisadas em seus aspectos sensoriais e visuais. Note-se que a moda é um conjunto de informações, é um símbolo na essência, dotado de significados brutos (primários) que, quando aplicado ao corpo-interpretante, adquire ressemantizações (secundárias), dando-lhe ou reafirmando-lhe a identidade.

Retomando a semiótica enquanto distante das demais ciências, e destacando o caráter do sistema de moda sendo *impenetrável à racionalidade revolucionária*, Baudrillard – citado por Maria Elisa Magalhães Barbosa- afirma que a única alternativa para esse “problema” seria a descontração signica, e é o que chamo no presente artigo

⁹ Texto no prelo, titulado “Criatividade e seus processos”, feito para a disciplina de Criação de Moda I do curso de Estilismo e Moda da UFC, em 2007.

de desconstrução visual. Em prática, essa solução atuaria na percepção de símbolos novos ou no reconhecimento de símbolos já interiorizados, presentes em mensagens devidamente capazes a transmitir a informação; estes símbolos seriam os responsáveis pelas sensações e emoções ocorridas no intérprete que, por sua vez, o faria de acordo com suas vivências e experiências individuais. Katia Castilho afirma:

É oportuno lembrar que no próprio conceito de cultura está implícita a existência do modo de transmissão e desenvolvimento do que vem a ser linguagem. O sujeito, portanto, precisa aprendê-la, adquirir seu processo e interiorizar sua dinâmica para se tornar capaz de produzir, então, seus próprios enunciados como um sujeito competente. (CASTILHO, 2004)

Maria Elisa Magalhães Barbosa reforça: *mesmo um signo mental, deve estar corporificado. Estando corporificado, o signo tem qualidades materiais que lhe são peculiares como uma entidade ou evento que ele é, independente de sua função representativa.*¹⁰

Em suma, poderíamos fazer a desconstrução visual de um poema, de um quadro, de um texto ou de outra mensagem qualquer, para fazer sua aplicação à moda.

Minha intenção neste artigo foi, mais que demonstrar, teorizar sobre o uso da Literatura enquanto fonte, e explanar as percepções visuais aplicadas à vestimenta, mostrando, também, que é possível detectar suas variações para cada gênero, posição social, bem como o seu papel no Processo Criativo.

Farei um experimento prático, que consistirá na análise semiológica de um poema futurista, desconstruindo-o e extraíndo-lhe os elementos visuais para, a partir daí, “traduzi-lo” em um croqui de moda. Levando em consideração a viabilidade da Literatura enquanto fonte de inspiração, pretendo investigar se este croqui estará coerente tanto com a corrente literária abordada, quanto – por consequência -, com o contexto histórico.

O presente trabalho não permite conclusões, dado que o experimento ainda não foi realizado; trata-se de uma proposta de pesquisa que pretendo seguir ao longo do período acadêmico, passível de futuras alterações.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Arte Poética (capítulo IX)*. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Arte_Po%C3%A9tica/IX (Acesso em 19 de abril de

¹⁰ BARBOSA, Maria Elisa Magalhães. *Semiótica na moda: uma imagem vale mais que mil palavras*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-05.html>.

2010).

- BARBOSA, Maria Elisa Magalhães. *Semiótica na moda: uma imagem vale mais que mil palavras*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-05.html> (Acesso em 8 de abril de 2010).
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 6ª Edição, 1996.
- CALANCA, Daniela. *História Social da Moda*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.
- CASTILHO, Katia. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & Modas de Mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e literatura: uma velha-nova história*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560> (Acesso em 30 de março de 2010).
- PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 2007.
- <http://modaliteratura.blogspot.com/>. Acesso em 30 de março de 2010.